

EXISTÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA: UMA MISCELÂNCIA DE POÉTICA FILOSÓFICA

Newton de Oliveira Lima

1. A FUGACIDADE

O problema da existência frente ao sistema de acontecimentos, a luta da subjetividade e a interferência do ser-para-si em si (Sartre) na querela da vida levam sempre à tentativa de captação de um horizonte distante, mas provável, que remete à inteireza do Ser.

O ser-aí que aqui está, esse ser insuficiente, trágico, obscuro, pequeno, insignificante, mordaz, calculista, inflamado, impotente, asqueroso, que se auto-limita existencialmente dentro da sua auto-limitação natural, que procura auto-limitar-se na prisão do tempo sempre presente, do tempo do aí, do aqui, no tempo certo da derrocada do Ser, da fugacidade do ente, do tempo que está frente a sua própria impotência final e cabal, do tempo inusitado que sempre desvanece e falazmente promete a si mesmo o que não pode cumprir – as promessas da religião, do amor, da política, que através da arte busca um antídoto ao cotidiano inflamado pelo tédio, sim, por esse infinito tédio existencial, essa demasia e essa desventura absurda que é essa vida inflamada de nada, como um saco que se enche e depois estoura desmensuradamente, inapropriadamente, supreendentemente.

O ser que aqui está - esse ser inútil, que deve ser denunciado a cada instante como portador de uma supra-essência que não mais representa nada na esfera presente da existência, que não atinge a vivência de um sem número de possibilidades. É a imagem maior de Hegel que assume a conotação mais precisa a todo instante – “o espírito impotente” frente à objetividade da História, da natureza, do mundo. O mundo como representação do caso que é o homem, de um pequeno caso que nem de longe influi no transcórre da esfera objetiva que é a existência, a circunscrição da plenitude ampla e para-além do Ser.

O ser-aí que busca desesperado, quer na matéria quer na vivacidade a significação, essa significação anti-metodológica que toda forma de vida quer no passado ou projetada no futuro possui, e que combate e requer fugir da timidez de um mundo sem sentido, da mediocridade auto-circundante, do espetáculo desesperado da fuga, da náusea, que transbordam demais, mas que não significam nada, o nada que puxa para baixo, para o estar-aí, o estar-cômodo na nadidade da auto-flagelação pseudo-conformada.

O maior grau de apreensão deste nada é precisamente o afastamento de si e a tentativa da retomada da circunstância efêmera a cada instante na busca pela apreensão de pouco de Ser, que densifique o ente despossuído de si mesmo.

A fugacidade então assume seu recôndito mais *absconditus*, o da transcendência do ente em busca de si mesmo (do Ser), que significaria como que um pequeno toque na superfície do Ser, por leve que fosse, delicado e efêmero, mas que garantisse a supremacia do saber da existência que vem sendo negada ao homem desde o início da história (o mito do fruto da árvore proibida).

A constante fuga, a fuga do mundo e a opacidade da existência na senda do absurdo, impingem a cada momento a força do empuxo de baixo para cima e garantem ao ente a enxurrada de erros e impulsos que assoberbam o drama da existência, que se reflete primazmente no drama da história.

Então, quando o drama se desfaz na fuga, e a visualização provoca aquela sensação de nadidade, surge o desespero humano bem caracterizado na descrição kierkegaardiana.

Na verdade o desespero se transmuda em busca do Ser, e quem busca constantemente, o buscador, é o verdadeiro e, portanto, autêntico ente do enfrentamento da batalha pelo Ser, o que pode tentar vencer as aparências enganadoras do mundo, da história e da natureza.

2. DA DIALÉTICA

2.1 A dialética do espírito: conformação e crise da subjetividade

O que todo movimento quer e não pode: atingir a supremacia da existência pela reconstrução de seu próprio sentido. O vir até o ponto em que está e não poder

reconstituir a senda que o levou até aqui. A reconstrução de si em si. O problema da subjetividade é exatamente o mesmo, ou seja, como o Ser se reconhece na esfera da pura temporalidade e supera-a pela abertura transcendental na história.

O trabalho da existência é a esfera da máxima contingência. O tempo é a figuração de seu próprio atraso e a prefiguração do avanço. Na dialética do Ser no tempo evolver-se é cindir o diâmetro da esfera (Sloterdijk) de modo a não retomar o ponto inicial.

A subjetividade humana é precisamente o ponto de intersecção entre a estrutura objetiva do mundo e a construção da interioridade como oposição ao mundo, a exclusividade (Hannah Arendt) implica a oposição à objetividade em busca de uma ligação com o ponto inicial - a retomada do ser-para-si é a imanência interna que abre o portal à transcendência. A subjetividade implica o reconhecimento da necessidade de mais e mais Ser, a retomada do ente pela pós-essência refunda a construção do projeto de si sempre adiável, inacabado e imperfeito.

2.2. Da impossibilidade do ser-cristão

Na esfericidade do nada surge a necessidade de Ser, pela inapropriação do ente que não é, o ser em si que se quer reconstituir no âmbito da subjetividade não atinge a reconstrução senão e a partir de uma momentânea recondução de sua estrutura de imanência – na temporalidade ela se reconhece como todo e se perde como parte, na fugacidade dos instantes a existência se dissolve rumo ao Nada, a liberdade mostra sua inutilidade como recondução ao Ser.

De todos os movimentos de queda o cristianismo foi o mais abissal. O cristianismo quis ser lançado no sentido da totalidade, do “Tudo” (plenitude do Ser-plenitude dos tempos), mas, posto a descoberto, reconduz ao Nada primordial: *Sicut cervus desiderat ad fontes aquarum ita desiderat mea ad te Deus* (Palestrina, moteto ‘Sicut Cervus’).

Do ser-cristão somente resta algo - a subjetividade, porque afinal, desmascaradas as ideologias, símbolos, ícones e signos na pós-modernidade, desnuda-se o “nu consciencial” como núcleo duro e ainda inamovível do cristianismo.

Assim, a subjetividade cristã em sua consciencialização do mundo perfez o caminho do sombrio, a consciência cristã esteve sempre na cripta, na catacumba e no subterrâneo. Isso opôs forçosamente o cristianismo ao mundo, e construiu o ser-cristão contra o mundo.

Na verdade, o cristão nunca saiu da cripta, sua subterraneidade consciencial e auto-referencial como fé e sua hetero-referencialidade como transcendência (*unio mystica* com Deus) jamais o abriram para o a-ser de uma liberdade precária e dialogante com o mundo e com os outros – despojado da essência metafísica pela pós-modernidade, o cristianismo volta às origens, subjetiviza-se crescentemente e engole a objetividade do para-si dentro de um mar de Nada: já que não é mais possível a transcendência, não será possível também a suportabilidade do exterior mundano, a imanência “feliz” no mundo; volta-se para si mesmo numa descarga de interiorização da fé irracional: o pentecostalismo pós-moderno.

Mas o drama cristão não é novo, não se abriu na pós-modernidade, esta cisão entre cristianismo e vida, cristianismo e mundo e, principalmente, cristianismo e existência, esteve sempre latente. A insuportabilidade cristã ao mundo está determinada desde as origens: veja-se Santo Agostinho e suas imprecções contra a antiguidade.

O impulso agostiniano sempre reverberará no cristianismo e principalmente no cristão concreto, o querer-ser-autêntico, que é especialmente um desesperado, ele é o próprio sentido do desespero e da angústia como jamais concebido pela humanidade. Leia-se Kierkegaard!

Se a liberdade é a negatividade frente ao em-si, que para escapar ao Nada funda o para-si (Sartre), no cristianismo a negatividade assumiu esse movimento como queda ao Nada. Mesmo quando o cristianismo almejou positividade em sentido de realização de valores, esses foram realizados na contramão da história da mundanidade.

Ou seja, o cristianismo sempre foi queda porque ao aspirar a infinitude esticou-se num movimento de transcendência irrealizável, num esforço absolutamente impotente, num desgaste que culminou na queda abaixo do patamar de realização: a queda na subjetividade, na interioridade da própria fé, na subjetivização do mundo.

No fundo, para o cristão nada importa, os méritos, as honras, o próprio poder, porquanto exteriores. O justo vive na fé e da fé. Sua fé o basta, mas o mundo enquanto objetividade jamais aceitou essa fé, e a “doença cristã” não se alinha ao mundo porque é intensificação da consciência em relação ao mundo.

Ora, se o mundo não é possível é porque a consciência não possibilita. O mundo é caso perdido para o cristão. Ele não o quer absolutamente, mas, enfim, o mundo imanente vence, porque o em-si faz a sua exigência frente ao para-si (Sartre), então, surge o desespero, que, afinal de contas, desemboca na subjetividade frustrada e a tomada-de-consciência da impossibilidade da fé ante o mundo é tal que não se faz mais a reconstituição do ente isolado, na entificação do ser-cristão a linguagem morre no mundo e a inexpressividade da fé como acontecimento desboca na angústia da existência que quer desesperadamente ser e não pode, não consegue colocar-se como objetividade, mantém-se na transcendência impossível e olha o abismo que se lhe abre: a queda em si mesma, a morte, a angústia e a destruição. Somente sobra a música, refúgio último de todos os pessimistas (Wanderson Lima).

A consciência cristã, cripta da egoidade, implica sempre a retomada da subjetividade egoística que se quer perpetuar, pois o eu eudemoníaco cristão não deixa de auto-referir-se. Só que, diante da impossibilidade de realizabilidade, auto-recria-se como egoísmo e impossibilidade na trajetória da irracionalidade pós-moderna da religião cristã.

2.3. Do desespero: no mar do Nada

A objetividade do para-si implica a possibilidade de realização de um projeto concreto de liberdade. A objetivação desse projeto a realiza. Ora, nas condições existenciais possibilitadas pelo capitalismo, o para-si encontra campos de restrita realizabilidade, embora aparentemente esse esquadrinhamento histórico mostre que não, há uma possibilidade de refutação bem clara da idéia de liberdade a partir da “liberalização dos costumes”: a secularização e banalização destes encontra no impulso do ser-consumidor uma barreira à subjetividade.

Nas ondas do Mar capitalista a liberdade soçobra aparentemente na violência do não-ser e na estreita limitação do a-ser situado na escolha das possibilidades do

possível-posto, como diz Sloterdijk: “Frívolo é aquele que, sem fundamento sério da natureza das coisas, deve decidir-se por isso ou aquilo”.

O fundamento ausente para um projeto de liberdade é a característica essencial da “sociedade das aparências”, que substituiu a própria “sociedade do espetáculo” (Guy Debord). De aparência em aparência, o tecido social revela seu não fundamento, e a linguagem morta precede a não orientação do sujeito: tudo esborroa no Nada, e a ausência de uma linguagem comunicacional entre os ‘seres-sem-fundamento’ somente é suprida no espaço inter-comunicativo do mercado e chancelado na simbologia ideológica dominante.

Nas ondas do nada existencial e “aparencial” vagueia uma subjetividade destroçada, perdida em seu elo com a objetividade do para-si. A dissonância do ser implica a imagem debussiana de ‘La Mer’: nas impressões dissonantes do ‘mar caótico’ reveladas pela música o próprio caos da existência se revela.

3. SINGULARIDADE E INCOMUNICAÇÃO: O DRAMA DA SUBJETIVIDADE. IMPOSSIBILIDADE DO AMOR ENQUANTO IMPOSSIBILITAÇÃO DE COMUNICAÇÃO.

A singularidade como característica marcante do verdadeiro ser-para-si, do ser como a negatividade que se determina e foge ao Impessoal (O “Man”, heideggeriano) e ao Ser-em-si (de Sartre). Como dizer algo essencial ao outro e não transformá-lo em mero objeto de um discurso que no fundo é para-si (que é o que importa)? Ora, a tentativa de comunicação da subjetividade é sempre impossível de um ponto de vista existencial.

A grande verdade é que não se pode dialogar sobre o essencial, ele não somente é invisível aos olhos, mas também é incomunicável. O ser não é leve, ao contrário do que disse Milan Kundera. Ele é bem pesado, infinitamente pesado, fastidiosamente pesado (Sartre).

A morte, essa sim, o estado verdadeiro, o estado não falsificado da linguagem que pretende revelar o Ser (Giorgio Agamben). Ela revela o ser-para-o-Nada. Ela supera o cristianismo e a Metafísica no que eles mais temem: o Nada. Invertamos Kierkegaard: o homem não é o singular perante Deus, mas o singular ante o abismo do nada. Abismo que é ausência de fundamento; existir é querer estar em liberdade

e, enquanto se quer estar, tomar consciência da nadidade originária e destinatária da liberdade. “A liberdade é infinita e procede do nada” (Kierkegaard).

4. O AFASTAMENTO DO SER: ABSCONDIDADE E CONTRADIÇÃO NA FLUIDEZ DA DIALETICIDADE

Mesmo que o Ser seja *absconditus* eu devo buscá-lo, sempre e a todo momento, buscar, cair na busca, mergulhar na abissalidade fundamental da possibilidade de revelação do Ser.

O Ser revelando-se revela o mistério do Nada e desvela-se como paradoxo incongruente da exteriorização da ação em busca de si mesmo: a linguagem humana. Mas será a linguagem suficiente para a revelação, para toda e qualquer revelação?

Abscondidade e profundidade: a revelação do Ser como aprofundamento do ente na visibilidade de sua própria carência; carência que revela a miséria do ente, a imperfeição e a sujeição à alienação, esta, entendida em sentido ôntico: esquecimento do Ser, cingibilidade, imprestabilidade de ser-situado na fungibilidade dos instantes do fluir existencial.

Descortinado o Ser, faz-se a invocação da impessoalidade da entificação e da sujeição à miséria do vazio do fluir temporal, a total des-centração, a completa incompletude e falta de sentido, de significado, de expressão de uma valoração que desse qualquer sentido mais sério (Sloterdijk) à existência; assim, a nadidade dos instantes e a constante dialética da contradição humana em si e para consigo revela, por fim, a impostura para com o Ser que é estar vivo e manter-se debaixo da alienação ôntica.

O sistema de objetos (Baudrillard) revela a estrutura de uma significação incompleta e, no âmbito dessa incompletude, a carência de sentidos implica o tumulto das significações e abre uma pequena fresta para a colocação do significado originário da temática da linguagem como revelação do Ser: o *ontos* se revelaria como aquele *absconditus* que se insinua, se faz notar ainda que minimamente, que se insinua sedutoramente, simbolicamente, sub-repticiamente, e que abunda somente na expressão estética.

Na estética o espírito reconhece o Ser como beleza; não que ele seja belo em si, mas que insinua este seu mistério 'aberto' e sua "fetichização natural."

5. DESENGANOS DO ATEÍSMO

Três atributos pertencem ao ateu: ingenuidade, imaturidade e orgulho. Na visão altaneira do conhecimento, revela-se a in-sublimidade dos momentos de desespero e de auto-engano: com o distanciamento do ente em relação ao Ser mostra-se a incapacidade para a travessia da sua própria obscenidade, e enquanto vagueia na solidão da impostura de sua cerebrinidade, esquece a volta que o Ser dá na própria consciência de si, pois a profundidade da marca ontológica do existir revela-se a cada instante, basta possuir sensibilidade suficiente para saber detectá-la.

O incomum esconde-se com a palavra da solidão, para dar-se de novo nas retumbâncias do auto-regozijo estético; na expressão da beleza o ser seduz e mostra sua existência: força e coragem para saber ouvi-lo e, claro, muita sensibilidade para o silêncio, para deixar o Tao fluir e revelar seu sentido, sua marca de existência.

6. A POSSIBILIDADE DE POSITIVAÇÃO DO SER- A NECESSIDADE DE UMA ONTOLOGIA POSSÍVEL

Eu definitivamente não posso viver somente com a imagem de DEUS, mas eu preciso da presença de DEUS, isto é, por mais que eu queira negar a ontologia ou não me adequar a ela, por mais que eu queira me afastar da Presença, ela está aqui, a postos, em frente: é exigência. Todo o conhecimento e suas possibilidades não arranham nem de longe essa exigência de Deus. Afinal, deve haver um momento de positivação do Ser: deve haver uma ética da positividade, da ação construtiva, o momento excelente em oposição ao momento da negação. A figura do Nada assoma diante de mim e exige a queda, a desconstrução e a des-ligação (em oposição à religião, que é ligação e re-leitura).

Ora, se todo movimento transforma, ele o faz necessariamente afirmando, isto é, superando a negação. Isso Zenão de Eléia já havia constatado: sendo, então, que se parte de algo e chega a algo, então, no fundo, jamais houve mudança, então, há

a permanência do *Ontos*. Ele está lá, ele esteve lá, ele estará lá, esse sempre lá implica o perdurar, o durar essencial (Henri Bergson). Mas isso é metafísica – e a sua presença, por si somente, poderia ser eliminada com a questão da remissão à experiência real e a abertura para o lingüístico - sempre ele, procedimento de crítica ao fundamento transcendente do Ser e uma crítica à linguagem. Desde Heidegger que o ser revela-se somente na linguagem, no entanto, ela é sempre insuficiente, e o *ontos* sempre presente.

7. METAFÍSICA DO SER – A TRANSCEDÊNCIA ABSOLUTA DO TOTALMENTE OUTRO

A liberdade como fundamento, a liberdade como transcendência, o fundamento dos fundamentos, o vazio da existência singular ante a Deus – o caráter de absoluta dualidade que caracteriza o sistema de relação entre homem e Deus, “o totalmente Outro” (Garaudy).

8. DIFERENÇA ONTOLÓGICA DO SER E ENTE

A irreduzibilidade do ser às manifestações do ente – a objetividade do ser - carência do sentido e da imanência como causação da inefetividade da redução do Ser ao ente – a transformação do ser em entificação, existência do ente, apenas como acidente.

A transformação inefetiva (do ser em ente) amplia o espaço de desconstrução do ser ao reducionismo no ente e ao construto da desestruturação de mundanidade como des-essenciação constante, expressando a carência e a absorção do ente ao fundo do ser-para-si em seu pretense esgotamento de sentido do Ser; gera o distanciamento do Ser como eclosão do evento desconstitutivo de modo gradual - a conformação da entificação compromete-se consigo mesma num projeto que leva ao nada.

Para o nada se encaminha o ente que, desconstruindo-se, revela a conformação da dependência para com o Ser. O desconstrucionismo revela cada vez mais a necessidade do Ser; o desconstrutivismo e a redução do ente à

linguagem descortinam o problema do nada-do- ente em relação ao Ser, revelando a nitidez da necessidade de auto-referência que o ente requer em relação ao Ser.

A manifestação do Ser requer estrutura de sentido - a manifestação do Ser em carência – isto é, o ente, revela a formação da estrutura do Ser como reconstrução do ente na sua inteira necessidade de elaboração, na sua formação de sentido que busca a efetividade do Ser - o que o Ser absconde do ente, este enfoca como sinal mínimo de uma estrutura de sentido ausente – o ente enfatiza a representação como sistema de reconstrução do supra-essencial, o que falta ao ente é a manifestação do abundante do Ser, por isso a busca do encontro do Ser como plenitude.

9. CRISE E LEGITIMAÇÃO DO SER: EM BUSCA DO ENCONTRO DOS SENTIDOS DA DIALÉTICA.

Em cada ente, a presença insistente e inamovível dos sentidos de negação e de superação da dialética da complementaridade e da insuficiência das condições extremas de existência. Na existência quebrada, a convivência com o contraditório (positivo e negativo, afirmação e negação movem a roda eterna do Ser) faz aflorar o que de mais humano e inumano existe: pressupostos das ontologias falsificadas, estratificação dos céus estéticos que não se realizarão jamais, na coletiva conformidade das inexistências e dos fracassos, assim como na auto-imagem ilusória de todas as vitórias o distanciamento da positividade, a lonjura da existencialidade que mostra ao longe o Ser irrevelado: panóptico das visões mal formadas, inadequação dos meios aos fins. Tudo é contraditório, condescendência para com o mestre que não riu de si também ! (Nietzsche).

Nas aporias dos valores revela-se a desgraça das possibilidades não plenificadas e mal-resolvidas. Valores contraditórios, insatisfeitos e incompletos, a sina da carência perturba o vórtice do não-ser.

Na dialética das negações e das contradições, a necessidade de conciliação se impõe, a necessidade de uma eticidade no plano da vontade e a necessidade da transcendência no plano da existência: de negação em negação, de miséria em miséria, o eu mostra seu desespero frente ao Nada e busca o Ser.

Mesmo que toda a Tradição do Discurso do Ser¹ estivesse equivocada e anulada em contradições lingüísticas, obscurecida em nuvens ontológicas e escarnecida nos discursos da negatividade afirmadora da artificialidade far-se-ia a renovação da existência a partir da superação dialética de todo o negativo na esfera da afirmação: na positivação do Ser revela-se a introdução no Mundo da misteriosidade do significado do Ser, da verdade do Ser, fundamento último das verdades contingenciais e oposição latente a toda negação como tal. A força da criação e da transcendência do Ser mostram ao ente que o Nada e a negatividade sempre são superados e re-direcionados em função de algo a-ser, de alguma positivação.

Mas a questão é: se o Ser é inefável, como todos admitem, como ele pode gerar (proclamando-se sua interferência pela linguagem) afirmação e positivação no mundo e para o homem?

Como fundamento da resolutividade do jogo das representações e dos significantes, há uma verdade, uma ontologia e um valor (redução eidética kantiana); essa verdade é a expressão da ligação essencial e significação da emanação do *axios* a partir do *ontos*.

Há um lócus, que é a expressão de um *ontos*, onde a verdade da linguagem se resolve completamente, em todas as suas possibilidades: na esfera da imanência da mundanidade e na transcendentalidade da história Habermas percebeu isso na sua pragmática universal, campo de resolução dos jogos lingüísticos e dos significantes expressivos. Kant percebeu isso na estrutura constitutiva de um espaço lógico para o conhecimento: formação da vontade e do intelecto na estrutura unificada do mundo na intra-esfera do *nous*. Em todo o universalismo lingüístico volta o universalismo da lingüística de Platão: os universais expressam a essência de todas as possibilidades de fala e de linguagem e revelam o existir de um *ontos*, até por implicação lógica da unificação da linguagem num espaço de universalização.

A religião percebe isso na sua tentativa de captar intuitivamente o espaço lógico de um discurso de revelação, que implica aparição do Ser em sua forma

¹ Tradição do Discurso do Ser é a construção gradual da tentativa do homem de expressar na estrutura lingüística a revelação do sentido do Ser na linguagem humana, do Ser como positivação das possibilidades, de afirmação das possibilidades da existência.

lingüística: o *misterium* revela-se na estrutura do mundo, forma-se na gradual assunção (para o homem) da imagem de configuração da existência plenificada e não-dispersa no caos.

10. DIZER O SER

A construção de um sentido lingüístico que leva ao ser, que o constrói mesmo é um processo instigante. Lendo Agamben, “A Linguagem e a Morte”, fiquei tão aterrorizado com a perspectiva da negatividade discursiva que leva a desconstrução do Ser como categoria objetiva na tradição metafísica, o esforço que ele faz para reencontrar e superar a concepção heideggeriana da negatividade e nada da Voz, que fico pensando que se a Voz original é efetivamente um nada, o dizer é no fundo ‘desencarnado’; como se se constata a função positiva da linguagem em Popper, a função afirmativa, criadora da linguagem?

Fico pensando no que consiste o sentido do SER se não a linguagem afirmativa da sua fundamentação, pois se há na verdade uma estrutura fundamentativa do dizer, ela só pode dá-se no âmbito da construção lingüística da reestruturação de sentidos pela intersubjetividade crítica?

Mas o pressuposto de todo dizer não é a existência de um sujeito que diz; como o sujeito pode dizer se ele já não é em um certo sentido ?

No fundo, a redução que Hessen faz em “Filosofia dos Valores” não estaria correta?: O gnoseológico reduz-se ao ontológico como pressuposto necessário? Ou é através da linguagem que eu circunscrevo-defino o gnoseológico e crio-recrio o ontos? (Walter Benjamin)

Há uma frase de Voltaire que diz que as pessoas podem olhar o mundo com um dos olhos e ver o negativo em tudo e com o outro olho enxergar o positivo. Não seria um posicionamento do olhar essa busca pela redução à negatividade do mundo?

Não seria algo subjetivo como tendência à negatividade, que deve ser superado por uma decisiva visão crítica que saiba incluir o positivo da constituição do ente e dos símbolos, enfim, na função positiva da linguagem enquanto criatividade (Cornelius Castoriadis) e o negativo na destruição das representações que devem ser desconstruídas (crítica da ideologia jurídica, moral, política etc).

11. FENOMENOLOGIA DA LIBERDADE

O cerne da crise fenomenológico-existencial consiste na indagação: a liberdade é fundante ou não de tudo? Ela é ou não a essência do fundamento? (Heidegger) Se for, toda a filosofia pós-moderna está errada.

Pensando a posicionalidade do ser-aí na sua incompreensibilidade da totalidade e do infinito (Levinas), o espírito alquebra-se, desgasta-se e articula-se no aquém, por não poder ir ao além. Recuperando os momentos dispersos da existência, recobra a unidade na Idéia que faz da totalidade (apesar da inapreensibilidade desta). Se o espírito projeta-se no além da existência, busca a transcendência de toda finitude e almeja com esta a totalidade.

Para além da fragmentação do Ser que a vivência do ente impõe e da impossibilidade da cognição plena e, portanto, fundamentalmente correta, vislumbra-se a clareira e o horizonte do todo. Nele estará a verdade e o Ser. Ele em si é o próprio valor, e o único, por assim dizer, Absoluto ontológico-axiológico-gnoseológico. Se a subjetividade perceber (sintetizar) o Ser, o valor e a verdade haverá, na tríplice síntese da conformidade, o caminho do ente ao Ser.

Em essência, a liberdade é a apreensão desse caminho de reconstrução da totalidade e de vislumbramento do infinito; sem esse horizonte de transcendência, todo conceito de liberdade é escasso, mesquinho e defasado para toda verdadeira essência de significância que exprima qualquer verdade, valor e existência satisfatória ao ente.

12. O CAMINHO: A ARIDEZ DA INSUFICIÊNCIA DO DISCURSO

De desespero em desespero, de fragmentação em fragmentação, o ente vianda pela senda da incompletude e da finitude. Retomar a via do Ser: refazer o caminho inverso da individuação para perder-se na objetividade absoluta no Ser. Aceitar o Ser e sua totalidade requer o próprio desfazimento de si e de sua inessência. Ter humildade para reconhecer o erro. Desesperar do desespero e reencontrar a clareira. Verificar o horizonte e antecipar os valores. Reconhecer a

insuficiência do discurso ante o âmbito do infinito e da indizibilidade da totalidade. Esperar a revelação. Confiar na revelação. Re-velar, des-velar. Des-cobrir o Ser.

13. QUAL REVELAÇÃO?

Como compreender a revelação do Ser? O que está velado des-vela-se de que maneira? Assim que se desvela não se perde na re-consideração da indefinição e na re-definição de seu cerne desvelado? Não seria toda re-velação insuficiente, dada a insuficiência não da sua objetividade, mas da capacidade compreensiva humana?

13. PRONTO E PREPARADO

Buscar Deus sem encontrá-lo, que amargura desmensurada, que circularidade inútil esse criar-negar-buscar. Afinal, todas as possibilidades já não foram esgotadas? O que ainda resta, pobre Metafísica? Se queres atormentar alguém, volta aos cadáveres e ró-i-lhes o restante dos ossos. Avisa-me apenas a minha hora, pois me fortaleço em Bach (KANTATEN 56, Rezitativ, *Ich stere fertig und bereit*). Eu estou pronto e preparado! A DECISÃO FUNDAMENTAL ESTÁ TOMADA !

Aliás, ela sempre está e sempre esteve, para quem visa encarar o Nada: tragicamente, desprendemo-nos de nosso frágil e impotente ser-aí a cada instante. O adiamento ou a antecipação são tão irrelevantes como um piscar de olhos ou a passagem de um segundo no relógio: de todo modo a fugacidade esbarra no rochedo do Nada. Haverá mais luz, meu caro Goethe?

Mas há tanto e um profundo sentido na meditação sobre a passagem de um segundo, há tanto o que dizer e o que significar essa passagem! Num segundo decido minha vida, faço um filho, olho o algoz, vejo o Nada: num segundo, rarefaz-se o medo e eleva-se a cruz. Veja que jocosa a prontidão nadificante do Ser: espera-se tudo da prontidão da morte e ela nem vem, brinca com os ufólogos e com os suicidas como a dizer-lhes que o segredo é um mistério e não uma revelação !

Num segundo, vê-se que não se é nada, mas pode-se meditar sobre o começo de tudo! O que está por vir fez-se ontem, mas o além do mundo pode está

contido nesse segundo, que pode resumir a sinfonia do Universo ou desintegrar a tudo na brincadeira científica do Ciclotron.

Buscar o que mesmo e de quem?

O que estamos mesmo a buscar?

O que o homem busca é a máxima potencialização de si, é a superação de si em busca e em torno da perfeição de si, mesmo além de toda consciência de si enquanto subjetividade e singularidade, estar-se no limiar de algo fora de si que complete e destine o si mesmo, enfim, que aproxime a lonjura essencial do para si em relação ao si mesmo.

Nota-se perfeitamente que o si mesmo não se contém, e perfaz o trajeto do si mesmo até a singularidade da auto-transcendência como abertura ao distante que pode completá-lo: a essa superação denomina-se transcendência. O princípio de unificação da essência individual como completude eu-mundo em referência à totalidade chama-se Deus. O fato de o homem não conseguir projetar-se a essa totalidade e ficar no mero discurso ou na mera ação, enclausurado na imanência ou na existência inautêntica expressa-se pela estrutura de aprisionamento do ser-aí na mundanidade ou da egoidade, remete a um contexto de falta de sentido talvez improvável de ser resolvido pela decisão ou pela compreensão humanas, mas nem por isso resolvido na imanência, pelo contrário, é nela que se expressa inevitavelmente da impossibilidade do ser-aí autêntico auto-referente, somente na busca da Transcendência há o vislumbre (antecipação) da Totalidade e pelo desejo (decisão) e necessidade de conhecer a ela a pré-figuração da completude existencial como possibilidade de ser em si, para si e além de si, isto é, mirar o horizonte no qual se revela o Infinito.

14. UM PROJETO DE LIBERDADE

Pela visão da nadaidade do Ser observa-se a insuficiência de todo discurso: o mundo simbolicamente estruturado é insuficiente. Um projeto de liberdade implica, portanto, o reconhecimento de tal insuficiência, pela desestruturação do sujeito frente ao objetivo: desgaste da ontologia da subjetividade na transitoriedade do efêmero estar-aí. O sistema dos objetos impõe-se insuficiente, e remonta impotente ao

objetivo que lhe originou: uma retomada simbólica do mundo prático, com a meta descumprida de garantir as condições de comunicação e existência gerais.

Desestruturado, o mundo existencial dos não absorvidos pela estruturação do sistema, ou dos pseudo-absorvidos pelo mesmo (isto é, todos os outros), segue uma falsa ontologia: os não absorvidos destroem-se objetivamente, descartados em bloco na impossibilitação da sua não existência, da sua não inclusão: retomar condições de existência (não de sub-existência, subsistência, mera sobre-vivência). Os descartados não são contabilizados pelo sistema; inefetivos à objetivação da maquinaria capitalista, são inexistência para-si e para-os-outros. Neles, a miséria existencial de todos os outros se agudiza: expressa-se como nada.

Famigerado, o mundo existencial dos pseudo-absorvidos arrasta as correntes da escravidão e na marcha fúnebre a existência burguesa não recupera os sentidos da ruptura da idéia de totalidade perdida na imagem da unidade homem-Deus como expressão que foi da queda da religião. A dessacralização não foi o fim de Deus, mas consistiu na queda do homem, não do paraíso, mas na queda como distanciamento de si mesmo, esse distanciamento de si na lonjura do Ser, na impossibilidade de existência autêntica como símbolo da união e do sentido efetivo.

A retomada da inserção do ser-aí na convicção da liberdade: eis a difícil conquista da singularidade, a recuperação do ethos em um sentido de autenticidade, a confirmação da existência pela busca do mais além do mundo e, como tal, na superação da condição alienada de si mesmo.

Uma metafísica da liberdade (Scheler) se preciso: uma recuperação do momento antropológico de busca da singularidade. Isto os escravos e os servos da objetividade aí posta jamais entenderão.

O fundamento da existência particular e a subjetivação do ser:

Miséria! Expressão com que Pascal sintetizou a insuficiência da condição humana, o inacabado e adiado projeto de ser que não se consuma pela absoluta impossibilidade de ser-aí: transformações circunstanciais não garantirão a liberdade. A verdade está no todo (Hegel). Somente se reconhecendo na totalidade e frente à cisão da matéria deteriorada o homem se observará como ser insuficiente. Mas como poderá reanimar-se como vitalidade e verdade para-si frente à falsificação ontológica da insuficiência da mundanidade estruturada? Como garantir um projeto de liberdade? Como reconstruir a ética?

Um projeto como pro-jeção (lançar-se): rumo a que?

Uma vez disseram-me que buscava uma liberdade que não existia. Recortando aos poucos a insuficiência dessa afirmação, pude perceber que a cada vez que um escravo profere uma assertiva de inconsistência da liberdade, rememora-se a tal ponto a impossibilidade da verdade de sua existência sobre si mesma que parece insuportável falar de liberdade para ele: a liberdade parece mais utópica para aqueles a quem a vontade de potência está em inanição. Contentam-se com a imediatez e a fixação nos objetos postos e estruturados. Condicionam-se pela não possibilidade de transgressão que garante, metafisicamente, a manutenção do *status quo* do mundo posto.

A recolocação da existência como projeto de si e como transformação das condições de opressão objetivadas no mundo simbolicamente estruturado é o próprio encaminhamento da liberdade como abertura: os animais domesticados do capitalismo (Sloterdijk) e do protestantismo capitalista, que ainda ousam se chamar de ‘homens’ negam a transgressão: o verdadeiro protestante é crítico e um singular perante Deus (Kierkegaard). Na ausência de Deus, que seja pelo menos um singular em si, objetivado na forma de ser a cada instante a ultrapassagem de si mesmo e a demolição do ser-aí objetivado do mundo (negatividade dialética hegeliana).

15. TOTALIDADE E VERDADE DO SER

Na comunhão com o infinito o ser-aí se abre ao espontâneo fluir da essência abscondita: na transcendência, a imagem de si remonta à nadaidade da desmaterialização crucial, e quer manter a *performance* do lingüístico no não-lingüístico: captação da auto-imagem pela vivência heterônoma da pós-condição de sua própria existência. Na dialética das impossibilidades, a recuperação dos momentos de si é sempre ilusória e traumática (Freud, Lacan e Žižek). Digo eu: porém, necessária.

Newton de Oliveira Lima é professor Assistente de Filosofia Geral e Jurídica da UFPB – Universidade Federal da Paraíba.